

O que nos diz a Suécia

Escolas — Focos de infecção ou travões do coronavírus?

Von Kai Stoppel



Como irá evoluir a pandemia na Alemanha depois da abertura normal das escolas?

(Foto: imago images/Patrick Scheiber)

A abertura das escolas em plena pandemia do coronavírus vem acompanhada de um clima de grande desconfiança — que efeitos terá o funcionamento das escolas na evolução da vaga de infecções? Há um país que nos dá pistas, onde as escolas nunca chegaram a fechar: a Suécia.

Quase como um reflexo, em meados de Março, em toda a Alemanha, as escolas e os infantários foram encerrados para travar a disseminação do coronavírus. Sabia-se então que as escolas, precisamente na época da gripe, podem ser verdadeiros propulsores de vagas de infecção. Surgiu assim a preocupação de que pudessem tornar-se também focos de contágio do coronavírus. Depois das primeiras hesitantes tentativas de abertura antes das férias grandes, começam agora em todo o país as aulas em regime normal — apesar de parcialmente mascaradas. Mas que se sabe entretanto realmente sobre o papel que as escolas desempenham na pandemia?

Pouco depois da eclosão do surto global de coronavírus, tornou-se claro que as crianças parecem adoecer mais raramente e com menos intensidade com o vírus do que os adultos. Dado que, na maioria dos países afectados, as escolas e os infantários permaneceram fechados durante semanas e, numa primeira fase, começaram a reabrir apenas gradualmente e de forma muito limitada, não ficou claro qual o papel que as instituições de ensino terão na pandemia. Contudo, as indicações de que as escolas são locais comparativamente inofensivos para os alunos começaram a intensificar-se nos últimos anos.

Em Julho, o [estudo sobre o coronavírus](#) realizado na Saxónia causou sensação. Na sua investigação, os cientistas do Hospital Universitário de Dresden concluíram que as crianças não só não são vectores de disseminação da pandemia, como até a travam. Na investigação com cerca de 1500 alunos e 500 professores em escolas de proa, só em doze indivíduos foram detectados anticorpos que apontavam para uma infecção passada pelo Sars-CoV-2.

«Calços de travão da infecção»

Poderíamos daqui concluir que, numa região com um número reduzido de infecções, não se observaria uma disseminação explosiva nas escolas, disse o coordenador do estudo Reinhard Berner, do Hospital Universitário de Dresden. Os primeiros resultados do estudo não revelaram adicionalmente nenhuma indicação no sentido de que as crianças ou os jovens disseminem o vírus com especial rapidez: «As crianças poderão talvez ser inclusivamente os calços de travão da infecção», afirmou Berner. Um outro [estudo](#) em escolas da Saxónia chegou a uma conclusão semelhante.

Também na Grã-Bretanha um [estudo](#) determinou que as infecções por Sars-CoV-2 e os surtos em escolas são raros: entre um milhão de crianças no ensino pré-escolar e escolar apenas cerca de 70 ficaram doentes com a Covid-19 — é mais provável as crianças serem contagiadas em casa do que na escola, dizem os autores do estudo realizado pela autoridade de saúde britânica Public Health England (PHE). O estudo determinou ainda um risco especialmente reduzido de transmissão entre alunos. Indica ainda que os funcionários das escolas correm um maior risco de infecção, mas não mais do que a restante população.

O estudo do PHE foi realizado em Junho, antes de as escolas fecharem novamente para as férias grandes. Os autores reconheceram que a abertura das escolas no momento em que o estudo foi efectuado foi tudo menos total. O número de alunos que, nesta fase, frequentou a escola pelo menos uma vez terá começado com 475 000 e, ao longo do mês de Junho, terá alcançado um pouco mais de 1,6 milhões. Contudo, existem em Inglaterra mais de 8 milhões de alunos.

A Suécia segue um caminho diferente

Há um problema com que deparam os estudos actuais sobre o papel das escolas na pandemia do coronavírus: na maioria dos países, durante meses, as escolas não funcionaram normalmente. Mas existe uma excepção — a Suécia. Neste país escandinavo, as escolas nunca fecharam para os alunos até ao 9.º ano. Também os infantários da Suécia permaneceram abertos ao longo de toda a pandemia. Apenas os alunos mais velhos e os estudantes do ensino superior tiveram aulas remotas.

Entretanto surgem também os primeiros estudos científicos sobre os efeitos do percurso especial da Suécia nas escolas. Um [estudo](#), por exemplo, comparou a Suécia com a vizinha Finlândia, onde a maioria das escolas se mantiveram fechadas. O resultado foi que o número de casos de coronavírus entre as crianças em idade escolar na Suécia e na Finlândia eram, contudo, quase idênticos. «Quer fossem ou não fechadas as escolas, isso não produziu uma influência mensurável no número de casos confirmados em laboratório entre as crianças em idade escolar da Finlândia e da Suécia», escrevem os autores.

Segundo este estudo, também não foi determinado um risco aumentado para os professores comparativamente com outras profissões. «Esta é além disso uma indicação de que o papel das crianças na disseminação da infecção é reduzido», indica. Os autores referem ainda outros estudos segundo os quais as crianças só raramente foram os primeiros casos de Covid-19 nos aglomerados familiares.

Poucos casos entre as crianças suecas

O resultado de outro [estudo](#) sueco, realizado pelo Instituto Karolinska, em Estocolmo, aponta na mesma direcção: «Registou-se um número muito reduzido de casos graves de Covid-19 nas crianças suecas, apesar de os infantários e as escolas terem permanecido abertos». Contudo, sublinham os autores, não se conhece ainda a influência da «estratégia de escolas abertas» sueca sobre a globalidade da pandemia no país. Deste modo, o estudo não fornece conclusões sobre a transmissibilidade do patógeno das crianças para os adultos e as consequências daí resultantes — por exemplo, a influência sobre os casos com evolução grave e os óbitos entre os adultos.

Quer dizer que não há problema nenhum? Existem também incidentes que geram dúvidas sobre uma abordagem demasiado despreocupada da abertura das escolas. Um destes incidentes ocorreu

precisamente na Suécia: numa escola na cidade de Skellefteå, uma professora morreu em contexto de Covid-19 e 18 dos seus 76 colegas testaram positivo para o Sars-CoV-2. A escola acabou por ser encerrada durante duas semanas. Contudo, os alunos não foram testados para o coronavírus — permanece assim por esclarecer qual o papel que tiveram no surto. Todavia, os especialistas pressupõem que, neste caso, foram os adultos quem disseminou o vírus.

Os críticos da abertura das escolas apresentam também o exemplo de Israel: neste país, o início da segunda vaga de infecções foi também justificado com uma abertura demasiado rápida das escolas no final de Maio. Foi especialmente afectado um estabelecimento em Jerusalém — a partir daqui o vírus disseminou-se pelas famílias e outras escolas. No final de tudo, centenas de alunos, professores e familiares tinham sido infectados. A lição tirada deste incidente, disse o epidemiologista israelita Hagai Levine ao *New York Times*: Até podíamos ter reaberto o sistema educativo, mas tinha de ter sido lenta e cuidadosamente.

Fonte: ntv.de

Artigo original: <https://www.n-tv.de/wissen/Schulen-Hotspots-oder-Corona-Bremsen-article22008967.html>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes